



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS- CSHNB**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARIA DE FÁTIMA DE LIMA**

**MÉTODOS QUE AUXILIAM NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA  
ESCRITA NOS ANOS INICIAIS**

**PICOS**

**2013**

MARIA DE FÁTIMA DE LIMA

**MÉTODOS QUE AUXILIAM NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA  
ESCRITA NOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Coordenação do Curso de Graduação em  
Pedagogia, *Campus* Senador Helvídio Nunes de  
Barros – CSHNB, como requisito para a obtenção  
do grau de Graduada.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Me. Luisa Xavier de Oliveira

Eu, **Maria de Fátima de Lima**, abaixo identificado (a) como autor (a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 17 de Abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA  
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

S729c Lima. Maria de Fátima de.

Métodos que auxiliam na aquisição da leitura e da escrita nos anos iniciais / Maria de Fátima de Lima. – 2013.

CD-ROM:4 ¾ pol.; il. (43 p.)

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

Orientador (A): Profa. Me. Luisa Xavier de Oliveira.

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Métodos. I. Título.

CDD 372.4

**MARIA DE FÁTIMA DE LIMA**

**MÉTODOS QUE AUXILIAM NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA  
ESCRITA NOS ANOS INICIAIS**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduada em Pedagogia.

Aprovada em: ...../ ...../ .....

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Me. Luisa Xavier de Oliveira  
(orientadora)

---

Profª Esp. Joselma Gomes dos Santos Silva  
(membro)

---

Profª Esp. Francisca D´arc Nascimento dos Santos  
(membro)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu Deus todo poderoso por me dar força, coragem e sabedoria para seguir nesses cinco anos de Universidade e conseguir realizar mais um sonho.

Aos meus pais Francisco e Josefa pelo incentivo e apoio aos meus estudos.

Ao meu esposo Célio pela compreensão, amizade e carinho.

Ao meu filho que está para chegar, maior benção que recebi de Deus. E a minha irmã Mara por sua boa vontade e disposição em me ajudar sempre.

A minha orientadora Luisa Xavier, pelos conhecimentos repassados para a construção deste trabalho.

Aos meus colegas de turma que estiveram comigo nessa longa jornada escolar, em especial do meu grupo de trabalho, os quais fizeram enormes amizades.

*Dedico este trabalho ao meu Deus todo poderoso que é meu guia e protetor de todas as horas.*

*Os objetivos pedagógicos devem nortear o uso de atividades lúdicas no processo de alfabetização: brincar por brincar pode ser divertido, mas não necessariamente contribui para o processo de ensino-aprendizagem. (LEAL, 2006, p. 35)*

## RESUMO

O referido trabalho aborda questões sobre as diferentes formas do desenvolvimento no processo de construção da leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental; Buscando esclarecimentos sobre os diversos métodos que auxiliem na aquisição do conhecimento a cerca do mesmo pelos alunos; um dos métodos bastante utilizados são as atividades lúdicas realizadas através de jogos e brincadeiras que estimulam a aprendizagem das crianças; compreender a psicogênese da língua escrita; a metodologia utilizada teve como apoio uma pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo com o uso de questionário do tipo quantitativo realizados com professores de 1º ao 4º ano do ensino fundamental em duas escolas distintas. Após a coleta de dados foi possível perceber que os professores procuram diversificar as atividades de leitura e escrita tentando estimular os alunos com o uso de alguns métodos pedagógicos. Ao longo da pesquisa podemos observar que os professores necessitam conhecer como ocorre a construção do conhecimento da criança, bem como buscar meios que propicie que isso a aprendizagem dos mesmos através de recursos didáticos que venha a estimular e desenvolver as suas habilidades de leitura e escrita.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Métodos.



## **ABSTRACT**

This paper deals with issues about the different forms of development in the process of construction of reading and writing in the early years of Elementary School; seeking clarification on the various methods that help in the acquisition of knowledge about the same by the students; one of the methods widely used are the playful activities carried out through games and activities that stimulate the children's learning; understand the psychogenesis of written language; The methodology used was to support a bibliographic research and field research with the use of the quantitative questionnaire conducted with teachers of 1ST to 4TH year of elementary school in two different schools. After the data collection was possible to realize that the teachers attempting to diversify the activities of reading and writing trying to stimulate students with the use of some teaching methods. Along the research we can observe that the teachers need to know how the construction of the knowledge of the child, as well as to seek means to tackle that this learning them through didactic resources which will stimulate and develop their reading and writing skills.

**Key-words:** Reading. Writing. Methods.

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1 - Características e especificidades dos sujeitos .....</b>	<b>27</b>
--	-----------

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1</b> - Formação dos professores escola A .....	28
<b>GRÁFICO 2</b> - Formação dos professores escola B .....	28
<b>GRÁFICO 3</b> - Utilização do livro didático adotado pela escola nas aulas de leitura e escrita – Escola A.....	30
<b>GRÁFICO 4</b> - Utilização do livro didático adotado pela escola nas aulas de leitura e escrita – Escola B.....	30
<b>GRÁFICO 5</b> - Participação dos professores em treinamentos ou capacitação sobre alfabetização/ letramento – Escola A .....	32
<b>GRÁFICO 6</b> - Participação dos professores em treinamentos/ capacitação/ letramento – Escola B .....	32
<b>GRÁFICO 7</b> - Atividades lúdicas auxiliam na aquisição da leitura e da escrita – escola A.....	33
<b>GRÁFICO 8</b> - Atividades lúdicas auxiliam na aquisição da leitura e da escrita – escola B .....	33

# SUMÁRIO

<b>Sumário</b> .....	11
<b>1. Introdução</b> .....	12
<b>2- Psicogênese da língua escrita: um olhar sobre a obra</b> .....	14
2.1 Características do trabalho experimental (FERREIRO E TEBEROSKY).....	15
2.2 A Evolução da escrita, segundo (FERREIRO E TEBEROSKY):.....	18
<b>3- Métodos que auxiliam na aquisição da leitura e da escrita</b> .....	20
3.1 Jogos e brincadeiras no processo ensino-aprendizagem .....	22
<b>4- A pesquisa em questão</b> .....	26
<b>5- Considerações finais</b> .....	36
<b>6- Referências bibliográficas</b> .....	38
<b>Apêndices</b> .....	39
Questionário de professores .....	

## 1 Introdução

Perante a importância da leitura e da escrita na formação da aprendizagem da criança esse trabalho tem como objetivos analisar as diferentes formas do desenvolvimento no processo de construção da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como conhecer métodos que auxiliem na aquisição do mesmo pelo aluno. Nesta fase da vida estudantil da criança, ela necessita de estímulos, através de atividades lúdicas e jogos para exercitar o processo de ensino aprendizagem.

De acordo com Santos (2000, p. 37) o professor é um criador de situações estimuladoras e eficazes, pois compete a ele o desafio de comandar os caminhos da aprendizagem, a partir dessa perspectiva autora afirma:

É nesse contexto que o jogo ganha espaço, como ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno, desenvolve níveis diferentes de sua experiência pessoal e social, ajuda-o a construir suas novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem.

Segundo o Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Letramento (BRASÍLIA, 2006), a escola torna-se fator fundamental na aquisição do hábito da leitura e da escrita, por isso é preciso que as crianças se desponha de recursos que os professores possam utilizar na formação do aluno. É importante o cultivo do espaço da biblioteca, através do laboratório de leitura, estimular o uso da literatura infantil, como texto literário, aproveitando o universo infantil para varias possibilidades da leitura, levando assim o aluno ao conhecimento de varias palavras facilitando o processo da escrita.

Acredita-se que a escola é o lugar onde se aprende a ler e escrever, por isso na fase em que o aluno se encontra nas séries iniciais do Ensino Fundamental deve-se dar uma atenção especial ao ensino da leitura e da escrita. Desperta o prazer da leitura e da escrita nos alunos não e tarefa fácil para os professores, é preciso desenvolver estratégias que facilitem esse processo, para que a criança se torne um adulto letrado e preparado para agir de forma critica e significativa na sociedade.

Além de buscar métodos que ajudem o professor a repassar o conteúdo é preciso que o educador saiba como utilizá-lo. Os métodos de ensino são instrumentos que o professor realiza para melhorar suas aulas facilitando o processo de ensino – aprendizagem. Ao longo do trabalho vários métodos que auxiliem no processo de aquisição da leitura e da escrita serão apresentados. A começar pelo estudo Emília Ferreira e Ana Teberosky (1985) duas pesquisadoras respeitadas no âmbito da alfabetização. O livro *Psicogênese da Língua Escrita* é um estudo desenvolvido pelas duas pesquisadoras no final dos anos 1970, que trouxe novos elementos para esclarecer o processo vivido pelo aluno que está aprendendo a ler e a escrever. A pesquisa tirou a alfabetização do âmbito exclusivo da pedagogia e a levou para a psicologia.

As autoras procuram mostrar no decorrer da pesquisa realizada por elas que a aquisição das habilidades de leitura e escrita depende muito menos dos métodos utilizados pelos professores em sala de aula do que da relação que a criança tem desde pequena com a cultura escrita, pois a criança leva para a construção do seu conhecimento as experiências e o contato vivido por elas no decorrer do seu processo de alfabetização.

Esse trabalho está dividido em três capítulos, sendo no primeiro abordado a obra *psicogênese da língua escrita*, das autoras Emília Ferreira e Ana Teberosky (1985). A preocupação das autoras não era criar um método de alfabetização, e sim procuraram observar como ocorre a construção da linguagem escrita da criança.

No segundo capítulo enfatizaram-se alguns métodos que auxiliam na aquisição da leitura e da escrita e a utilização do lúdico no processo de ensino aprendizagem. No terceiro ponto apresenta a análise de dados, onde procurou conhecer os métodos didáticos utilizados pelos professores do Ensino Fundamental menor (1º ao 4º ano) nas aulas de leitura e escrita. Os objetivos da pesquisa se fazem a seguir:

## 2 Psicogênese da língua escrita: um olhar sobre a obra...

O livro *Psicogênese da Língua Escrita* foi escrito pelas pesquisadoras Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1984), trazendo reflexões e teses baseadas num trabalho experimental que foi realizado em Buenos Aires no final dos anos dos 1970 e publicado no Brasil no ano de 1984. As autoras pertencem à escola do grande epistemólogo e psicólogo Jean Piaget.

Esse livro tem como objetivo explicar os processos e as formas mediante os quais as crianças chegam a aprender a ler e a escrever, apresentando a interpretação dos processos desde o ponto de vista do sujeito que aprende, e tendo, tal interpretação, seu embasamento de dados obtidos no decorrer de dois anos de trabalho experimental com crianças entre quatro e seis anos de idade. Segundo depoimentos das autoras:

Nosso interesse residia em descobrir qual era o processo de construção da escrita, ao planejar situações experimentais procuramos que a criança colocasse em evidência a escrita tal como ela a vê, a leitura tal como ela a entende e os problemas tal como ela propõe para si (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985, p.33)

Ferreiro e Teberosky (1985) tinha o interesse de descobrir o caminho pelo qual a criança percorria para compreender as características, o valor e a função da escrita. Através das situações experimentais as autoras procuraram analisar como as crianças constroem diferentes ideias sobre a escrita, resolvem problemas e elaboram conceituações.

As autoras Ferreiro e Teberosky (1985) citam os princípios básicos que guiam a construção de seu projeto experimental e sua pesquisa no livro *Psicogênese da língua escrita*: Não identificar a leitura com decifrado, não identificar a escrita como uma cópia de um modelo, Não identificar progressos na conceitualização com avanços no decifrado ou na exatidão da cópia.

As atividades realizadas na situação experimental consistiram estruturadas, porém flexíveis, permitindo as pesquisadoras descobrir hipóteses que a criança põe em jogo na raiz de cada tarefa proposta. Com efeito, o estudo da psicogênese da língua escrita é importante não apresentando nenhum método pedagógico, mas revelando os processos de aprendizado das crianças, levando a conclusões que puseram em questão os métodos tradicionais de ensino da leitura e da escrita.

## 2.1 Características do trabalho experimental (FERREIRO E TEBEROSKY)

O trabalho experimental realizado por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985) foi aplicado em grupos de crianças totalizando 108 (cento e oito) sujeitos, envolvendo 06 (seis) escolas divididas entre a classe média e a classe baixa. Durante o período de estudo as pesquisadoras passarão pelas fases de interrogatório, método de indagação e análise de resultados, vejamos o que elas relatam sobre cada fase. Ferreiro e Teberoski (op. cit., p. 35), afirmaram que:

Durante o interrogatório, que era individual, registraram-se manualmente, e gravaram-se, as respostas das crianças. Cada sujeito era atestado em toda série de tarefas, em alguma sala da escola ou jardim de infância que frequentam. O protocolo final é o resultado de unir ambos os registros.

Ainda relatam que o interrogatório ocorria individualmente, onde as respostas eram colhidas manualmente e posteriormente gravadas. O interrogatório acontecia em alguma sala da escola ou do jardim de infância em que elas participavam cada criança era avaliada em toda série de tarefas.

Todas as tarefas realizadas para o interrogatório supunham uma interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento que neste caso era a escrita, sob uma forma de situação a ser resolvida, desenvolvendo um dialogo entre o sujeito e o entrevistador, dialogo esse que tentava evidenciar os mecanismos do pensamento infantil.

O método de indagação, inspirado no “método clínico” (ou “método de exploração crítico”), amplamente desenvolvido pela escola de Genebra, tinha como objetivo explorar os acontecimentos da criança no que se referia às atividades de leitura e escrita. Foram justamente a modalidade do interrogatório e flexibilidade a situação experimental que nos permitiam encontrar respostas realmente originais - no sentido de inesperadas para um adulto – ao mesmo tempo que elaborar hipóteses adequadas para compreender seu significado (FERREIRO e TEBEROSKY, op. cit., p. 35).

Segundo Ferreiro e Teberosky (1985) o método de indagação baseado no método clínico, tinha a preocupação de explorar os acontecimentos prévios que cada criança carregava sobre as atividades de leitura e escrita. Foi através do interrogatório e a flexibilidade da situação experimental que as crianças deram respostas diferentes das esperadas pelos adultos, porém muito significativas para elas, a partir daí as pesquisadoras procuraram elaborar hipóteses adequadas para compreender o significado de cada resposta.



A análise dos resultados que apresentaremos em cada capítulo será fundamentalmente de caráter qualitativo, destinada a descobrir e interpretar cada categoria de respostas, assim como encontrar, nas situações que se apresentam, os níveis de sucessivos do desenvolvimento que nos ocupa. (FERREIRO e TEBEROSKY, op. cit., p. 35).

Ferreiro e Teberosky (1985) buscam apresentar a análise dos resultados no decorrer de cada capítulo fundamentada de caráter qualitativo, com o intuito de descobrir e interpretar cada categoria de resposta, encontrando no decorrer dos dados obtidos os níveis sucessivos do desenvolvimento que nos ocupa.

As autoras (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985) começam seus estudos por um seguimento semilongitudinal de um ano de duração. Escolhendo aleatoriamente um grupo de 30 crianças provenientes de um meio social de classe baixa que pela primeira vez cursavam a primeira série do ensino primário. Essas crianças foram entrevistadas periodicamente no início, pelo meio e ao fim do ano escolar. No final da pesquisa a experiência foi terminada com 28 das 30 crianças usadas inicialmente. Essas crianças frequentavam duas turmas da primeira série na mesma escola.

Embora essas respectivas professoras seguissem o mesmo método de ensino e utilizasse o mesmo método de iniciação, a diferente experiência anterior de cada uma delas determinava diferença nos procedimentos concretos, pois uma delas já tinha trabalhado o nível primário e no ano anterior havia ensinado a na primeira série. Já a outra estava passando pela primeira vez pela experiência de ensinar o ensino inicial, tendo anteriormente trabalho como professorar jardineira.

As duas professoras que participaram da pesquisa utilizavam o método de ensino da leitura e da escrita que era conhecido como “método misto” ou de “palavras-tipo”, analítico- sintético esse método era utilizado em toda a Argentina (país onde foi realizada a pesquisa). Esse método de ensino se baseava em iniciar o ensino da leitura e da escrita com palavras fáceis como, por exemplo, “mamá, papá, oso, ala, mamãe papai, urso usa”, etc., palavras onde existe uma duplicação sílabas ou repetição da mesma vogal em diferentes sílabas.

Essas palavras se decompõem em constituintes menores, recombina-se posteriormente. A partir dessas decomposições consoante e vogal, ou vogal exclusivamente. As consoantes se combinam com todas as vogais para formar novas sílabas. As palavras são ensinadas uma de cada vez, sem passar outra nova

antes que aquela seja aprendida. O tipo de letra com que se começa o ensino é a cursiva minúsculas; as maiúscula só são introduzidas lá pela metade do curso, e a de imprensa aos livros de textos.

A população escolhida pelas pesquisadoras para a realização desse estudo tiveram como justificativa duas razões para tal seleção: uma delas foi o fato da acumulação de fracassos escolares na crítica etapa inicial em crianças com baixos níveis socioeconômicos. A segunda razão seria o fato das autoras pensarem que as crianças de classe baixa fossem aquelas que começam a aprendizagem escolar ao começar a escolaridade primária, enquanto que as de classe média não fazem mais do que continuar uma aprendizagem iniciada anteriormente. Isso também ocorre pelo fato de na Argentina o número de jardins de infância ser insuficientes e muitas das crianças de classe baixa não tem oportunidade de assistência pré-escolar.

Os resultados dessa investigação nos proporcionaram dois indícios: por um lado, que o processo de aprendizagem da criança pode ir por vias insuspeitadas para o docente, e por outro, que inclusive essas crianças de classe baixa não começam desde “zero” na primeira série. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985, p.37)

Ainda segundo as pesquisadoras (1985) o sinal aparente sobre os resultados dessa investigação mostra que muitas vezes a criança que vem de classe baixa e que não frequentam o jardim de infância chegam à primeira série com um processo de aprendizagem em que elas já possuem uma série de concepções sobre a escrita, mesmo sem ter frequentado uma escola antes.

A questão central que se colocou foi, então, conhecer como as crianças chegam a ser “leitores”- no sentido psicogenético - antes de sê-lo – no sentido das formas terminais do processo. Os problemas colocados concernem tanto á natureza do objeto escrita, como aos processos de apropriação do objeto, por parte da criança. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985, p.260).

Neste livro as autoras não criaram um método de alfabetização e sim procuraram observar como se realiza a construção da linguagem escrita na criança, para a partir de então o docente conhecer como a criança interage no processo de aprendizagem.

## 2.2 A Evolução da escrita, segundo (FERREIRO E TEBEROSKY):

Ao longo do capítulo seis as autoras FERREIRO e TEBEROSKY (1985), relatam os cinco níveis sucessivos, embasados nos resultados obtidos na teoria da psicogênese da língua escrita, com as crianças de 4 a 6 anos de idade, de classe média e classe baixa.

Os resultados obtidos com as crianças de 4 a 6 anos de CM e CB nos permite definir cinco níveis sucessivos (que propomos, provisoriamente, como níveis ordenados, sujeitos a retificações e complementos que suscitem as atuais investigações em curso, como veremos, os resultados obtidos superam em novidades as novas previsões, e as técnicas que empregamos ficaram para trás com respeito à informação que potencialmente pode ser obtida. (FERREIRA e TEBEROSKY, 1985, p. 183)

No nível 1, o ato de escrever é considerado como sendo uma reprodução de traços típicos da escrita, onde a criança identifica apenas a forma básica da escrita. Ela não estabelece vínculo entre a fala e a escrita e tem leitura global, individual e instável do que se escreve, só ela sabe o quis escrever. No que diz respeito à interpretação da escrita (FERREIRA e TEBEROSKY, 1985, p. 183), deixa claro que:

Nesse nível, a intenção subjetiva do escritor conta mais que as diferenças objetivas no resultado: todas as escritas se assemelham muito entre si, o que não impede que a criança as considere como diferentes, visto que a intenção que presidiu a sua realização era diferente (se quis escrever uma palavra num caso, e outra palavra no outro caso).

A hipótese central do nível 2 é que pra conseguir ler coisas diferentes, ou seja atribuir significados diferentes, deve ter uma diferença objetiva nas escritas, nessa fase a criança começa a ter consciência de que existe alguma relação entre a pronuncia e a escrita. Porém, o fato conceitual mais interessante citado pelas autoras é a seguinte:

Segue-se trabalhando com a hipótese de que faz falta uma certa quantidade mínima de grafismo para escrever algo, e com a hipótese variedades no grafismo. Agora em algumas crianças, a disponibilidade de formas gráficas é muito limitada, e a única possibilidades de responder ao mesmo tempo a todas as exigências consiste em utilizar a posição na ordem linear. (FERREIRA e TEBEROSKY, 1985, p. 189)

FERREIRA e TEBEROSKY(1985) ressalta que a aquisição de certas formas fixas e estáveis podem servir de modelos de outras escritas, isso porque a função de influencias culturais exteriores á criança, e de relevância culturais já devem estar relacionadas no período da pré – escolar.

A hipótese silábico se encontra no nível 3, consiste pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma da letras que fazem parte da escrita. Com isso a criança

passa por uma fase de maior importância evolutiva, ou seja, a criança consegue dar um salto qualitativo com respeito aos níveis precedentes. Segundo (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985, p.193) a mudança qualitativa consiste em:

Se superar a etapa de uma correspondência global entre a forma escrita e a expressão oral atribuída, para passar a uma correspondência entre as partes do texto (cada letra) e parte da expressão oral (recorte silábico do nome); mas, além disso, pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da escrita.

A passagem da hipótese silábica para a alfabética está inserida no nível 4, nesse período de fundamental evolução, a criança deixa a hipótese silábica e consegue fazer uma análise mais aprofundada da sílaba, ela consegue combinar vogais e consoantes, numa mesma palavra, numa tentativa de combinar sons sem tornar ainda sua sociável.

A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias (ambas exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica ( conflito entre uma exigência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito). (FERREIRA e TEBEROSKY, 1985, p. 196-209)

E para finalizar temos o nível 5, onde a escrita alfabética constitui o final desta evolução, quando a criança chega nesse nível, é sinal de que ela passou pela barreira do código, ou seja, aprendeu que cada um dos caracteres da escrita possui um valor sonoro menor que a sílaba, e consegue fazer uma análise das vogais e consoantes das palavras que vai sendo construída. Para (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985, p. 213) mesmo a criança estando nessa fase isso não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas:

A partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas com a escrita, no sentido escrito. Parece-nos importante fazer essa distinção, já que amiúde se confundem as dificuldades ortográficas com as dificuldades de compreensão do sistema de escrita.

### 3 Métodos que auxiliam na aquisição da leitura e da escrita

Para que os alunos das séries iniciais obtenha uma boa aprendizagem é importante que, na sala de aula de aula, a leitura e a escrita não sejam vistas como atividades secundárias, onde o professor só aplica as atividades quando sobrar um tempinho. Aquele tempinho do finalzinho da aula em que os professores precisam manter os alunos ocupados e já aplicaram o conteúdo da aula. Vieira (2006, p.23) explicita que “leitura e escrita precisam ser planejadas como atividades cotidianas, não só entre alunos, mas também entre nós professores e professoras.”

Existem várias maneiras de aplicar atividades de leitura e escrita nas séries iniciais, diversos caminhos cada um com vantagem e desvantagem, isso ocorre porque nem tudo funciona da mesma maneira em turmas diferentes. Vieira (2006, p.6) sugere “organização e uso da biblioteca escolar e da sala de leitura”.

Ainda segunda a autora (op. cit., p. 06), “a biblioteca escolar propicia ao aluno o livre acesso aos livros de todas as formas, tamanhos e cores”. O ambiente escolar, onde todos os alunos se sentem estimulados a está, com as mais variadas opções de tipos de leitura pra todos os gostos e idade, “esses nos parecem bons motivos para a sua organização inicial e, é lógico, sem esquecer-se de muitas alternativas que o professor pode realizar utilizando a criatividade”, pois o professor é quem conhece o grupo de crianças com o qual trabalha seus sonhos, histórias, gostos e interesses.

Biblioteca é por excelência o lugar de acesso a livros, coleções, periódicos, jornais, gibis. Enfim, aos mais variados tipos e alternativas de materiais impressos. Além disso, espaço com lápis e papel, para que um leitor inspirado tenha chance de fazer seus registros, copiar um poema que o fascinou, um título de romance para recordar a um amigo, ou simplesmente para escrever algo de seu interesse (VIEIRA, 2006, p. 8).

VIEIRA (2006) define a o espaço da biblioteca como sendo um lugar onde o aluno pode ter acesso a vários tipos de livros de todos os tamanhos, cores e formas, bem como pode manter contato com o lápis e o papel desenvolvendo assim a escrita. Com isso, a biblioteca também pode trazer para os alunos momentos coletivos de leitura, não só para nos aproximar dos textos, mas sobre tudo para aprofundar a sua compreensão.

Em muitas escolas o uso da biblioteca como instrumento de ensino-aprendizagem, muitas vezes não se apresenta, daí a necessidade da escola em realizar adaptações e mudanças temporárias. Quanto a essa realidade Vieira (2006, p. 14) propõe uma sugestão:

Uma dessas soluções seria o professor, em consonância com a direção escolar, encontrar um meio de formar um acervo e guarda-lo em um armário da sala de aula. Outra alternativa seria procurar livros em bibliotecas públicas, ou mesmo fazer visitas monitoradas a uma delas, onde os alunos poderiam fazer seus cadastros e tomar livros emprestados.

Acrescenta que dentre as várias formas de trabalhar com a leitura em sala de aula, apresentação oral de um texto lido é uma das maneiras mais simples de e ao mesmo tempo mais eficientes de despertar o gosto pela leitura. Uma vez feita à primeira parte que é escolha de um livro, o professor pode utilizar a estratégia de levar o próprio aluno a contar a história para a classe (VIEIRA, 2006). Essa alternativa é muito válida, pois contar e ouvir histórias são habilidades que sempre fascinam o ser humano. E quando, em vez de preencher uma ficha de leitura, a criança tem oportunidade de compartilhar seu prazer com os colegas, pode despertar o interesse dos outros alunos em relação à obra mencionada.

Outra forma baseia-se em desenvolver a apresentação oral de um texto o fato do professor ser o “contador de história” da classe. Ele pode fazer também em sua sala de aula a “hora do conto” (op. cit., 2006). Para que isso ocorra de maneira estimulante, o docente deve selecionar um momento da aula para ler com a classe, seja um conto, uma crônica, um poema, um livro inteiro com pouco texto e muitas ilustrações. Nesse caso o professor deve selecionar parágrafos ou trechos que ele perceba seja mais estimulante para seus alunos de maneira que consiga despertar a curiosidade para conhecer o final da história, ou ainda o professor pode ser um capítulo a cada dia, fazendo suspense para o capítulo do dia seguinte.

A escolha do momento da leitura é um detalhe importante: é bom que a turma esteja em “forma” e não cansada ou com fome. Você pode, por exemplo, pedir às crianças que se sentem no chão, à vontade, para depois começar a contar a história. Talvez algumas dinâmicas como um pequeno aquecimento físico e alongamento, ajudem as crianças a despertarem e a se sentirem relaxadas e bem dispostas, seja para ler, contar ou ouvir histórias, sentindo-se também mais desinibidas para dar suas opiniões e ajudar no processo (VIEIRA, 2006, p. 32)

O uso do dicionário em sala de aula é outra estratégia aponta por Vieira (2006, p. 34) para desenvolver a leitura é a escrita na escola, ele pode ser usado no decorrer das atividades de leitura para ampliarmos nossos conhecimentos, sendo considerado um forte aliado no ensino-aprendizagem.

O dicionário é um tipo de livro muito especial, porque nele esta registrada uma grande quantidade de palavras da nossa língua, palavras que usamos e que já não usamos mais, palavras que são usadas em algumas regiões do país e não em outras, palavras muito usuais e palavras muito raras. É muito interessante ver a surpresa de algumas crianças quando elas descobrem que estão no dicionário palavras que elas não podem ou não devem pronunciar, os palavrões, palavras relacionadas ao seu corpo, sua sexualidade, etc.

Para tanto o uso do dicionário em sala de aula, a reação das crianças ao se depararem com um livro onde estão escritas uma infinidade de palavras com seus significados, palavras essas em que muitas vezes eles ainda não conhecem, ou até conhecem mais não utilizam.

### **3.1 Jogos e brincadeiras no processo ensino-aprendizagem**

No cotidiano da sala de aula, professores buscam formas de tornar o ensino mais eficaz e também mais estimulante. Uma das alternativas é aliar o prazer e o divertimento à aprendizagem. Porém nem sempre isso é fácil, mesmo porque os interesses e as solicitações das crianças são bem diversos, e não são todas as situações de ensino-aprendizagem que possibilitam um trabalho com dimensões lúdicas na escola. No caso específico de jogos e brincadeiras, quando direcionadas para a alfabetização e o ensino da língua materna, “isso é perfeitamente possível, por meio deles integram-se o prazer e o aprender, sabor e saber” (LEAL, 2006, p. 06).

Relata que o uso de jogos e brincadeiras pode auxiliar o professor a promover um aprendizado, onde se integram o prazer e o aprender. Aprender de forma lúdica é perfeitamente possível no ensino da língua portuguesa.

De fato nenhuma criança precisa que lhe ensinem a brincar, pois o jogo e a brincadeira fazem parte da vida da criança desde o seu nascimento. Podemos sim, como professores e professoras, apresentar novas facetas das brincadeiras, que escondem um imenso potencial. O de preciosas oportunidades de se envolver em práticas de letramento diversas, ao mesmo tempo em que se apropriam das convenções e regularidades do nosso sistema de escrita. Enfim, brincando também se aprende (LEAL, 2006, p. 35).

Para LEAL (2006) os professores e professoras podem adaptar as brincadeiras em sala de aula de forma que os alunos possam aprender de forma lúdica. Os jogos e brincadeiras trás valiosas oportunidades de desenvolver práticas de letramento diversas, ou seja, ao mesmo tempo em que a criança está sendo estimulada a brincar ela está adquirindo conhecimento sobre a língua portuguesa.

O uso de atividades lúdicas no processo de alfabetização pode ajudar muito o professor em sala de aula, mas para que isso ocorra com bons resultados é preciso que o docente planeje bem cada atividade a ser realizada, para que a aprendizagem se dê de forma positiva, contribuindo assim para o ensino-aprendizagem. Realizar determinado jogo com atividades exigem reflexões do professor sobre a contribuição desse jogo no processo de alfabetização dos alunos que dela participarão. “A motivação pelo prazer é o principio de tudo, alunos motivados se envolvem mais facilmente nas atividades e, conseqüentemente estão mais dispostos a aprender” (op. cit., p. 35).

De acordo com LEAL (2006) o desenvolvimento da leitura e da escrita nas séries iniciais é uma preocupação entre os professores dessa área que buscam diversos tipos de recursos que auxiliam no processo de aquisição do conhecimento. O uso jogos e brincadeiras infantis em sala de aula é um recurso bastante poderoso para aperfeiçoar o aprendizado das crianças, pois as brincadeiras fazem parte do mundo infantil, ou seja, o aspecto lúdico faz parte do cotidiano das crianças, brincar aprendendo e aprender brincando. Por isso o professor que trabalha nas séries iniciais tem que desenvolver atividades em sala de aula que despertem o interesse dos alunos de forma lúdica.

Fantacholi (2011) aponta que na educação de modo geral, e principalmente na educação infantil o brincar é um potente vínculo de aprendizagem experimental, visto que permite, através do lúdico, vivenciar a aprendizagem como processo social. A proposta do lúdico é promover uma alfabetização significativa na prática educacional, é incorporar o conhecimento do mundo através das características do conhecimento do mundo. O lúdico promove o rendimento escolar além do conhecimento, oralidade, pensamento e o sentido. Entretanto, compreender a relevância do brincar possibilita aos professores intervir de maneira apropriada, não interferindo e descaracterizando o prazer que o lúdico propicia.

Ainda segundo Fantacholi (2011, p. 14) “ao assumir a função lúdica e educativa, a brincadeira propicia diversão, prazer, potencializa a exploração, a



criação, a imaginação e a construção do conhecimento”. Brincar é uma experiência fundamental para qualquer idade, principalmente par as crianças de Educação Infantil. Dessa forma, a brincadeira já não deve ser mais atividade utilizada pelo professor apenas para recrear as crianças, mas como atividade em se mesmo, que faça parte do plano de aula da escola. Portanto cabe ao educador criar um ambiente que reúna os elementos de motivação para as crianças. Criar atividades que proporcionam conceitos que preparam para a leitura, para os números, conceitos de lógica que envolve classificação, ordenação dentre outros motivos, os alunos a trabalhar em equipe na resolução de problemas, aprendendo assim, expressar seus próprios pontos de vista em relação ao outro.

Ao usar a brincadeira como recurso pedagógico, deve-se ter presente que na expressão e construção do conhecimento, a criança apropria-se da realidade imediata, atribuindo-lhe significado. Assim, alunos com dificuldades de aprendizagem podem valer-se da brincadeira como recurso para facilitar a compreensão espontânea dos conteúdos pedagógicos, rompendo com velhos pré-conceitos em relação a uma disciplina ou outra. (MELO, 2009, p.2)

Com isso se faz necessário ressalta a importância de se utilizar a brincadeira em sala de aula como recurso pedagógico, levando em consideração a aquisição do conhecimento. A autora também relata que o uso da brincadeira como recurso pedagógico pode ajudar e facilitar a aprendizagem de alunos com dificuldade na aprendizagem, fazendo com que o aluno compreenda os conteúdos pedagógicos (MELO, 2009).

De acordo com Santos (1999) os jogos lúdicos despertam condições para o educando vivenciar situações-problema, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam à criança uma vivência no tocante às experiências com lógica e raciocínio e permitindo atividades físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulando as relações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais linguísticas.

O educador deve oferecer formas didáticas diferenciadas, como atividades lúdicas para que a criança sinta desejo de pensar. Isso significa que ela pode não apresentar predisposição para gostar de uma disciplina e por isso não se interessa por ela. Daí a necessidade de programar atividades lúdicas na escola (SANTOS, 1999, p. 4).

Sendo assim, o professor e o responsável que deve propiciar atividades diferenciadas em sala de aula, atividades essas que desperte na criança um bem estar, um interesse e o desejo de participar da aula. Através das atividades lúdicas na escola a criança pode passar a gostar de uma disciplina que antes ela não se interessava (SANTOS, 1999).

Para Santos (2011), o jogo lúdico e a educação de crianças tem uma relação muito próxima, pois a atividade lúdica favorece o ensino-aprendizagem de conteúdos escolares e pode ser utilizado como recurso para a motivação no ensino atendendo às necessidades dos alunos. Através das atividades lúdicas os educandos se sentem mais vontade para participarem das aulas e se sentem mais abertos para realizar as atividades.

#### 4 A pesquisa em questão

Segundo Matos (2001) a partir da análise dos dados coletados e dos procedimentos utilizados, o pesquisador consegue ter um conhecimento, mais amplo do conteúdo estudado. Após ter se concretizado a atividade de coleta o seu próximo passo é transformar os dados em novos conhecimentos. Para tanto, o autor afirma que:

Ao analisar as informações, o pesquisador não caminha às cegas, mas antes, adota determinados procedimentos que imprimem um caráter de maior objetividade aos dados, facilitando sua interpretação. Depois de conduzido o trabalho de coleta, sua tarefa básica é fazer os dados falarem. Para tanto além das possibilidades já assinadas, dispõe também de outros recursos, como a análise de conteúdo e a análise de discurso, procedimentos que podem ser formas de trabalho e finalidades semelhantes, mas trazem diferenças entre si (op. cit., p. 66).

As escolas investigadas foram duas unidades escolares públicas municipais. A escola “A” é localizada na Avenida São João Batista e a escola “B” situada na Avenida Nossa Senhora de Fátima, ambas na cidade de São João da Canabrava, Estado do Piauí. Os sujeitos que participaram da pesquisa foram 10 (dez) distribuídos em ambas às escolas nos turnos manhã e tarde, da 1ª e 4ª série do Ensino Fundamental, sendo os docentes da Escola “A” 03 (três) no turno da manhã e 02 (dois) no turno da tarde. Na Escola “B” encontram-se os outros 05 (cinco) lotados no período da tarde.

O instrumento utilizado na pesquisa foi o questionário. Matos (2001) define o questionário como sendo um modo de investigação, onde a mesma é feita através de respostas por escrito podem ser entregue pessoal ou enviado por algum meio de comunicação pelo pesquisador.

Essa técnica de investigação consiste em que sem a presença do pesquisador, o investigado responde por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio, visando à compreensão do respondente, o instrumento deve possuir um cabeçalho, em que será explicada a pesquisa, os objetivos e a importância das respostas corretas, como também ser respondido por completo, além da garantia do sigilo das informações. Em seguida são fornecidas orientações para o seu preenchimento adequado (op. cit., p. 60).

Para Matos (2001), as questões presentes no questionário devem ser bem elaboradas de forma que as perguntas sejam objetivas e claras. As perguntas podem ser abertas, fechadas e mistas. A escolha do tipo de pergunta vai depender levando em conta se o investigado deve colocar sua opinião ou se existem opção de respostas, podendo ser ainda uma junção dos dois tipos.

De acordo com os dados coletados, os sujeitos apresentaram as seguintes características: 09 (nove) são do sexo feminino e apenas 01 (um) do sexo masculino; a idade dos sujeitos varia entre 26 e 42 anos; quanto ao estado civil, 04 (quatro) casados, 03 (três) solteiros, 01 (um) possui união consensual, 01(um) divorciado e 01(um) separado mais não judicialmente. com relação à escola, a série, o turno as disciplinas que lecionam e a formação, vejamos o quadro 1:

## QUADRO 01

### “Características e especificidades dos sujeitos”

PROFESSOR	ESCOLA	SÉRIE	TURNO	DISCIPLINAS	FORMAÇÃO
ANTÔNIA	A	3º ano	Manhã	Ciên, port, relig, mat, art.	Letras/Português
CARMEM	A	2º ano	Manhã	Port, mat, ciên, art, relig.	Pedagogia
GABRIELY	A	1º ano	Manhã	Mat, ciên, port, art, relig.	Pedagogia
JOSEFA	A	4º ano	Tarde	Mat, ciên, port, relig, art.	Letras/Português
CAROL	A	4º ano	Tarde	Port, ciên, mat, relig, art.	Pedagogia
IRENE	B	2º ano	Tarde	Port, mat,ciên, hist, geog.	Letras/Português
ANA	B	4º ano	Tarde	Mat, port, hist, ciên, geog,	Pedagogia
FLÁVIA	B	1º ano	Tarde	Ciên, port,mat, hist, geog.	Pedagogia
PEDRO	B	3º ano	Tarde	Port, ciên, hist, geog, mat.	História
JÚLIA	B	1º ano	Tarde	Port, mat, geog, ciên, hist.	Pedagogia

Fonte: elaboração própria

<sup>1</sup> Nomes fictícios atribuídos aos sujeitos, incomuns na realidade em que vivem, com o objetivo de preservar o anonimato dos professores.

No que se refere à formação dos professores na escola A, 04 professores possui graduação completa, 01 está cursando uma graduação e 03 já concluíram uma especialização. Na escola B 04 professores possui uma graduação completa, 01 está cursando graduação e 02 já concluíram uma especialização (GRAF. 1 e 2). Já na questão da especialização dos 10 professores pesquisados, apenas 04 já concluíram uma especialização

GRÁFICO 1

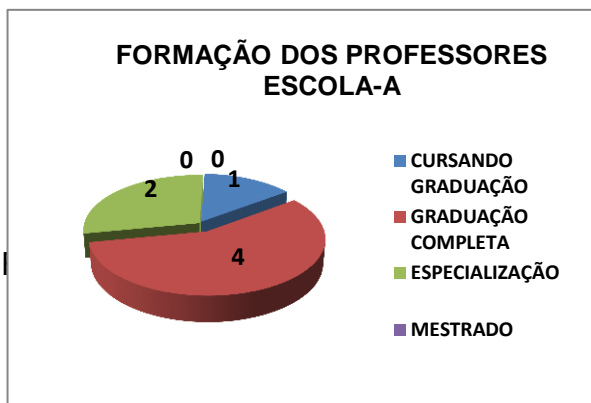
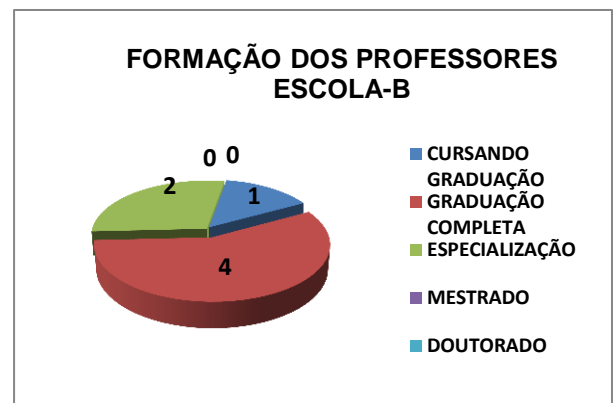


GRÁFICO 2



Fonte: elaboração própria

Os professores ao serem questionados sobre como quais as atividades utilizadas para trabalhar a leitura e a escrita em sala de aula, os mesmos afirmaram que:

Ditados, leituras, interpretações de textos, exercícios pesquisados em outros livros da biblioteca, bem como as atividades do próprio livro didático. (ANTÔNIA - Escola – A).

Leituras de história em quadrinhos e de contos de fadas, ditados lacunados, pequenas interpretações de textos, constituição de murais das datas comemorativas de cada mês e construção de pequenos textos. (CARMEM – Escola –A).

Interpretações de textos, produção de textos, leituras individuais e cópias para melhorar a caligrafia. (GABRIELY– Escola –A).

Jogral, ditados, criação de propagandas, poesias e histórias em quadrinhos, produção e interpretação de textos, leituras de histórias infantis e dramatizações (ANA, Escola –B).

Construção de crachás e cartazes feitos pelos próprios alunos, leitura em voz alta de histórias, notícias, propagandas, avisos, cartas e textos, ditados, cópias e atividades do livro (FLÁVIA– Escola –B)

Observando as respostas aferidas pelos professores é possível perceber que a leitura, a interpretação e a produção de textos são a base para se desenvolver a leitura e a escrita dos alunos em sala, como demonstra se observar nas falas das docentes. Batista (2006) já expunha a ideia que o contato com diferentes tipos de textos poderá proporcionar aos alunos vivência e conhecimentos, de forma que a aquisição da leitura e da escrita pode acontecer com a utilização de diversos suportes apresentados pelo professor.

Quando questionadas sobre os materiais didáticos utilizados pelos docentes durante as aulas de leitura e escrita, os sujeitos relataram que:

Livro didático, data show, jornais, revistas, textos, pinceis, folhas e cartazes (IRENE - Escola B).

Revistas, histórias em quadrinhos, livros com histórias infantis, atividades da Internet, vídeos e músicas (PEDRO - Escola B).

Cartolinas, livros da biblioteca, pinceis, revistas, data show, computador e vídeos. (CARMEM - Escola A).

Livros de histórias infantis, diversos livros didáticos, jornais, data show e retroprojektor (JOSEFA- Escola A).

Nesses discursos é possível perceber que os professores se preocupam em diversificar os materiais didáticos nas aulas de leitura e escrita. Batista (2006) cita que entre os suportes e instrumentos de escrita do cotidiano escolar nos dias atuais, o professor pode utilizar livro didático, livros de histórias, caderno, bloco de escrever, papel ofício, cartaz, lápis, borracha, computador, entre outros. Ainda lembra que é preciso que o professor conheça esses materiais didáticos, para saber usar da melhor maneira possível para desenvolver a leitura e a escrita.

O livro didático adotado pela escola é um importante aliado para os professores durante as aulas, porém alguns professores também buscam outras fontes restringindo o seu uso nas aulas de leitura e escrita (GRAF. 3 e 4),

GRÁFICO 3

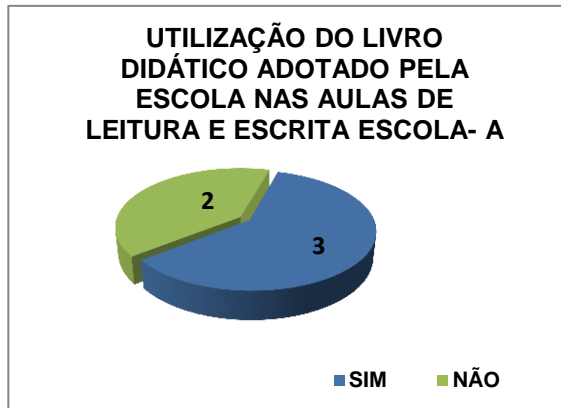


GRÁFICO 4



Fonte: elaboração própria

Os sujeitos da pesquisa expuseram que os livros didáticos podem ser utilizados de diversas formas em sala de aula, segundo suas afirmações:

Utilizo o livro didático durante as aulas para que os alunos possam acompanhar os conteúdos, assim como para eles fazerem leituras e cópias. Também gosto de realizar as atividades propostas pela autora do livro. (CAROL- Escola - A).

Para aplicar exercícios, fazer as leituras, cópias e ditados. Também utilizo durante as aulas para que os alunos acompanhe o assunto de cada mês. É bom utilizar porque os alunos tem um contato direto com os conteúdos e imagens do livro. (JÚLIA – Escola – B).

Utilizo o livro didático para seguir o planejamento, explanando os seus conteúdos, atividades e textos. Mas também procuro outras atividades e textos em outros livros da biblioteca para que assim os exercícios fiquem mais diversificados. (FLÁVIA – Escola – B).

O livro didático é utilizado para explicar os exercícios, realizar as leituras com os alunos, realização de cópias. Também facilita para os alunos na hora de estudar para fazer as provas. (ANTÔNIA – Escola – A).

Ao analisar as afirmações acima exposto pelos professores fica evidente que o livro didático é utilizado para a realização das atividades e para a aplicação dos conteúdos. Em alguns casos a utilização do livro didático é considerado como um suporte básico para o planejamento das aulas, em outros o docente sente a necessidade de buscar outras atividades em outros livros para complementar os conteúdos de cada mês, mesmo com a utilização de outros suportes para

desenvolver as atividades, o livro didático ainda ocupa um importante papel na educação. Morais (2006, p. 07) defende a importância do livro didático:

Não parece haver de que o livro didático em geral, ocupam um significativo espaço na cultura escolar brasileira. De fato independentemente de restrições do seu uso, sob o argumento principal de que condiciona a autonomia do professor e da professora, o livro didático permanece como um dos suportes básicos na organização do trabalho pedagógico. Nesse sentido, mesmo reconhecendo-se sua utilização por vezes parcial, seletiva ou reinterpretada por parte dos educadores, não há com menos prezar a força do livro didático nas definições escolares.

Morais (op. cit., 07-08) enfatiza que o livro didático é composto por uma série de regulamentações, que podem ajudar o professor em sua prática, direcionando os conteúdos a serem aplicados, bem com a sequência a serem seguidas, as atividades, leituras e exercícios a serem desenvolvidos durante as aulas.

No entanto, se perguntarmos hoje aos professores e professoras se eles utilizam e seguem o livro didático, teremos diferentes tipos de respostas. Alguns dirão imediatamente que usam o livro sim, mas só como um apoio, e acrescentarão que utilizam vários materiais. Outros podem dizer que não usam um livro específico, mas retiram atividades de diferentes livros. Já outros dirão que não usam livro, pois os que têm chegado a escola não lhes parecem adequados, por que apresentam um nível muito elevado para seus alunos e são “difíceis de trabalhar”. Essas diferentes respostas se relacionam a duas questões principais. Ao surgimento de um forte discurso contrário ao o uso desse material e as mudanças ocorridos no livro didático a partir da implantação do PNLD (programa nacional do livro didático) pelo MEC.

Além dos materiais didáticos que os professores podem trazer de casa para trabalhar a leitura e a escrita. Quando questionados sobre a escola disponibilizar outros materiais além do livro didático para que sejam trabalhados durante as aulas de leitura e escrita, os professores foram unânimes quanto a utilização de outros instrumentos para além do livro didático como é possível verificar na fala dos docentes:

A escola possui uma biblioteca com diversos livros e revistas, possui data show, tv, vídeo e internet para os professores pesquisar as atividades. (CARMEM Escola- A).

Os materiais didáticos disponibilizados pela escola são: livros infantis, jornais, pilotos, cartolinas, coleção, data show, retroprojeter, TV e computador. (ANA Escola- B).



Através das falas fica claro que as escolas pesquisadas possuem biblioteca, onde os professores dispõem de alguns materiais impressos e alguns recursos áudio visuais em que os docentes podem expor os conteúdos em forma de imagens e sons. Vieira (2006, p. 35), enfatiza a importância da biblioteca, ao afirmar que “é um ambiente em que as crianças têm livre acesso aos livros de todas as formas, tamanhos e cores, que propicia várias opções de leitura para todos os gostos e idades”, cabe assim ao professor diversificar o uso da biblioteca para que os alunos sejam estimulados a vivenciarem diversas situações de leitura.

Sobre os recursos audiovisuais os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s do ensino fundamental orienta que esses instrumentos podem ser de muita utilidade nas aulas de leitura e escrita, possibilitando situações de aprendizagem da língua (BRASIL, 1997). Os professores de leitura e escrita precisam está em constante aprendizagem para buscar meios de desenvolver e estimular o processo de ensino e aprendizagem.

Ao longo do questionário foi perguntado sobre a participação dos docentes em treinamentos/capacitações/formações em alfabetização e/ou letramento (GRAF. 5 e 6).

**GRÁFICO 5**



**GRÁFICO 6**



Fonte: elaboração própria

Conforme o relato dos professores, eles aprenderam durante os treinamentos/capacitações que participaram, o seguinte:

Apreendi novas formas de estimular a aprendizagem dos alunos, através de recursos didáticos, que venha a desenvolver as habilidades de leitura e escrita. Também pude perceber que as atividades lúdicas constitui um ótimo aliado durante as aulas. (PEDRO- Escola B).

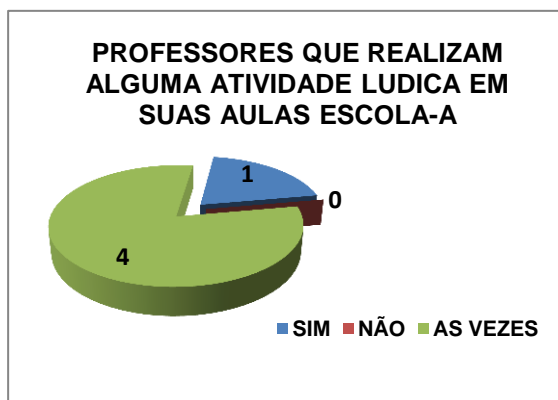
Particpei apenas uma vez de uma capacitação de letramento, foi muito bom lá aprendi que o professor deve esta em constante aprendizagem para melhorar e trazer novidades para suas aulas. (IRENE- Escola B).

Que é muito importante diversificar os tipos de atividades realizados em sala de aula. Também aprendi que é preciso levar em consideração os conhecimentos dos alunos e trabalhando as suas dificuldades. (GABRIELY- Escola A).

Por meio dos relatos dos professores foi possível perceber a importância em buscar métodos que possam auxiliar suas aulas facilitando o processo de ensino aprendizagem e para que isso ocorra, o professor deve está em constante aprendizagem. Rocha (2012) defende a diversificação das atribuições aos professores e também a importância do docente se adequar e se inserir nas reformas curriculares, para que isso ocorra, o profissional deve sempre intensificar e participar de formações continuadas, seja pelo sistema municipal ou estadual de educação, para que assim possam está em constante aprendizagem.

No quesito sobre atividades lúdicas foi questionado aos docentes participantes da pesquisa sobre a utilização de atividades lúdicas em sala de aula (GRAF. 7 e 8). Através das falas dos professores. Antônia (Escola A), Carmem (Escola A), Ana (Escola B) e Júlia (Escola B) verificamos quais as atividades lúdicas os docentes utilizam em suas aulas.

**GRÁFICO 7**



Fonte: elaboração própria

**GRÁFICO 8**



Os professores completaram a pergunta apresentando as atividades lúdicas utilizadas no desenvolvimento da leitura e escrita, como se pode observar abaixo nas falas:

Gosto de fazer leituras de forma coletiva, onde os alunos possam interagir uns com os outros, faço dinâmicas utilizando os conteúdos a serem estudados, e dramatizações, onde os alunos desenvolvem a leitura e a oralidade. (ANTÔNIA – Escola A).

Procuro aplicar os conteúdos utilizando algum tipo de jogo ou brincadeira que pesquiso na internet, tento fazer atividades onde os alunos possam participar de forma ativa. (CARMEM – Escola A).

Faço brincadeiras de competição com perguntas e respostas sobre os assuntos abordados durante o mês, faço jogos com fichas para formar frases, coloco os alunos para fazer dramatizações de histórias infantis. (ANA Escola- B).

Jogos, brincadeiras, músicas e vídeos que possam desenvolver a leitura e a escrita dos alunos. (JÚLIA – Escola B).

Através das falas das professoras podemos conhecer algumas atividades lúdicas que são utilizados nas Escolas A e B para desenvolver a leitura e a escrita em sala de aula, é por meio dessas atividades que os alunos conseguem adquirir com mais estímulos os conteúdos, possibilitando a emoção, o prazer, e a motivação no processo ensino aprendizagem.

Para Lucon (2003, p. 23) as atividades de caráter lúdico podem representar uma característica importante na diminuição das angústias que permeiam alguns dos estágios do desenvolvimento humano, pois, é “por intermédio do jogo e da recreação que o individuo tem acesso às emoções e o prazer, podendo modificar essas transformações essas emoções consideradas negativas em emoções mais positivas”.

Na esfera do jogo, outros elementos característicos podem ser vitais para o aprimoramento deste momento, no qual o vínculo entre “o prazer e a motivação favorece uma outra dinâmica de ação, capaz de fazer o adolescente compreender a regra de uma outra perspectiva, alimentando a vontade de realização” (op. cit., p. 135).

Após citar algumas da atividade lúdica realizadas em sala de aula os professores poderão responder se eles percebem que as atividades lúdicas (brincar, jogar, etc...) como instrumento que auxiliam no desenvolvimento da aquisição da

leitura e da escrita. Todos foram unânimes em afirmar de forma positiva a inferência das atividades lúdicas.

Santos (1999, p. 2) considera que:

Tento em vista que é grande a responsabilidade do educador para alcançar a aprendizagem dos educandos fazendo-se a integração dos conteúdos curriculares propostos como o lúdico (jogos, brinquedos e brincadeiras), mas todos têm o direito de aprender e aprender com prazer o resultado será bem melhor.

Os jogos, brinquedos e brincadeiras são atividades consideradas fundamentais na infância (Santos 2000, p.110), para ele o brinquedo pode favorecer os mais diferentes aspectos das crianças, a imaginação, a confiança e a curiosidade, desenvolvendo assim o mundo social, linguístico e criativo, bem como o pensamento e a capacidade de aprendizagem.

## 5 Considerações finais

Por meio deste trabalho pode-se verificar que é preciso que o professor conheça como ocorre a construção do conhecimento da criança, os processos e as formas pelos quais as crianças aprendem a ler e a escrever. Um bom caminho seria conhecer o trabalho experimental aplicado pelas pesquisadoras Emília Ferreira e Ana Teberosky (1985), o qual teve como objetivo principal conhecer como a criança interage no processo de construção da aprendizagem na leitura e escrita.

Ao longo da pesquisa foi possível identificar alguns métodos que podem auxiliar na aquisição da leitura e da escrita em sala de aula, a importância da biblioteca no ambiente escolar para o desenvolvimento dos conhecimentos dos alunos, pois as crianças precisam desde cedo ter contato com os mais variados tipos de leituras.

Outro dado diz respeito às aulas de leitura e escrita onde se faz necessário que o professor busque métodos didáticos que estimulem a aprendizagem dos alunos, aplicando atividades em que os alunos possam participar de forma ativa, fazendo leituras individuais, coletivas, em formar debates e etc. as atividades de leitura e escrita devem ser estratégias didáticas desenvolvidas diariamente durante as aulas, para que as crianças tenham um contato direto com situações que possibilitem a aquisição.

O lúdico é um ótimo aliado para auxiliar o professor a promover o aprendizado, pois, através de jogos e brincadeiras os alunos conseguem juntar o prazer e o aprender. Ao mesmo tempo em que o aluno está sendo estimulado a brincar ele está adquirindo conhecimentos. Ao abordar a questão do lúdico podemos perceber que as crianças necessitam de meios que lhes propicie uma boa aprendizagem, sua interação durante as aulas desperta um aluno mais participativo, curioso e dinâmico em sala, pois quando a criança se sente a vontade ela desenvolve melhor suas atividades.

Através dos dados coletados verificamos que os professores em suas aulas de leitura e escrita procuram diversificar os métodos e os materiais didáticos para desenvolver suas atividades e explicar os conteúdos. Além de utilizarem o livro didático adotado pela escola os professores buscam atividades em outros livros didáticos ampliando assim o conhecimento dos alunos.

No processo de análise de dados foi possível verificar as atividades de leitura e escrita desenvolvidas em sala de aula pelos professores. Pude observar os materiais didáticos utilizados por eles para realizarem essas atividades. As escolas pesquisadas também disponibilizam: livros, jornais, revistas, data show e retro projetor para que os docentes possam trabalhar seus conteúdos, diversificando suas aulas.

Ditados, leituras infantis, interpretações e cópias de textos são as atividades mais expostas pelos docentes para desenvolver habilidades de leitura e escrita em seus alunos. Também foi possível observar que elas utilizam tanto o livro didático escolhido pela escola como outros livros didáticos encontrados na própria biblioteca da escola para aplicar os conteúdos.

Outro ponto bastante importante foi saber que os professores acham que participar de treinamentos e capacitações na área de alfabetização ou letramento os ajudam a melhorar suas aulas, pois eles precisam estar em um processo de constante aprendizado.

No que se refere à realização das atividades lúdicas em sala de aula, foi possível detectar que os docentes têm uma preocupação em adaptar jogos e brincadeiras para utilizar na explanação do conteúdo.

Com relação a formação dos professores um fator que me chamou bastante a atenção foi a questão de todos os professores estar inseridos em uma graduação, embora nem todos sejam formados em pedagogia.

## 6 Referências bibliográficas

BATISTA, Antônio Augusto Gomes et al. **Capacidades Linguísticas da alfabetização e a avaliação**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação à Distância. Universidade Federal de Minas Gerais. 2006.100 p. [ coleção: PRÓ-LETRAMENTO. Fascículo 01].

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Língua Portuguesa**. SEF-Brasília, 1997.

FANTACHOLI, Fabiane das neves. **O brincar na educação infantil: jogos brinquedos e brincadeira**. 2010. <<http://www.revista.fundaçãoaprender.org.br>> acessado em 10 de janeiro de 2013.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: ArtMed, 1985.

LEAL, Telma Ferraz et al. **Jogos e brincadeira no Ensino de Língua Portuguesa**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação à Distância. Universidade Federal de Pernambuco. 2006.37 p. [Coleção: PRÓ-LETRAMENTO. Fascículo 05].

LUCON, Priscila Nogueira. As atividades lúdicas como um diferencial na diminuição da agressividade no âmbito Escolar. 2009. .< <http://www.unesp.br> > acessado em 13 de março de 2013.

MORAIS, Artur Gomes et al. **O livro didático em sala de aula: algumas reflexões**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação à Distância. Universidade Federal de Pernambuco/ Universidade de Minas gerais. 2006.41 p. [Coleção: PRÓ-LETRAMENTO. Fascículo 07].

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Sofia Lecher Vicera. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE.

SANTOS, Élia Amaral do Carmo. **O lúdico no processo Ensino – aprendizagem**. 1999 < <http://www.unimat.br> > acessado em 12/02/2013

SANTOS. Santa Marli Pires. **Brinquedoteca: A criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis, 2000. Editora vozes.

VIEIRA, Adriana Silene et al. **Organização e uso da Biblioteca Escolar e das salas de leitura**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação à Distância. Universidade Estadual de Campinas 2006.44 p. [Coleção: PRÓ-LETRAMENTO. Fascículo 03].

ROCHA, Luciene Martins Ferreira. **A concepção de formação continuada nos programas da União Repercussões no âmbito municipal**. 2010. < <http://www.ufgd.ed.br> > acessado em 10 de março de 2013.

## **APÊNDICES**





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**QUESTIONÁRIO**

**“Métodos que auxiliam na aquisição da Leitura e da Escrita”**

**1. Identificação Pessoal e Profissional**

1.1. Sexo: 1 ( ) Masculino      2 ( ) Feminino

1.2. Data de Nascimento \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

1.3. Estado Civil:

1 ( ) Solteiro

2 ( ) Casado

3 ( ) União consensual

4 ( ) Separado não judicialmente

5 ( ) Desquitado ou separado judicialmente

6 ( ) Divorciado

7 ( ) Viúvo

1.4 Local de Trabalho

1.4.1 Qual o ano/série que você ensina?

---

1.4.2 Ensina em que turno?

---

1.4.3 Qual (is) disciplina (s) você leciona?

---

## 2. Formação

- 1 ( ) Ensino Fundamental  
 2 ( ) Ensino Fundamental Incompleto  
 3 ( ) Ensino Médio  
 4 ( ) Ensino Médio Incompleto  
 5 ( ) Cursando Graduação  
 6 ( ) Graduação Completa

### 2.1 Caso você assinale o item 6, por favor responda:

2.1.1 Seu curso de graduação é

- 1 ( ) Licenciatura    2 ( ) Bacharelado

2.1.2 Qual é seu curso?

---

2.1.3 Você concluiu?

- 1 ( ) Especialização    2 ( ) Mestrado    3 ( ) Doutorado

## II- QUESTÕES ESPECÍFICAS

1) Que atividades você utiliza em sala de aula para trabalhar a leitura e da escrita junto aos alunos?

---



---



---

2) Quais os materiais didáticos você utiliza durante as aula de leitura e escrita?

---



---



---

3) Você utiliza o livro didático adotado pela escola para trabalhar leitura e escrita?

- ( ) Sim      ( ) Não      ( ) As vezes

Caso tenha respondido “sim”, de que forma utiliza?

---

---

---

4) A escola disponibiliza de outros materiais além do livro didático para ser trabalhado a leitura e escrita dos alunos?

( ) Sim      ( ) Não

Quais

---

---

---

5) Você já participou de alguma formação/capacitação/treinamento sobre alfabetização e/ou letramento?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) As vezes

Caso tenha respondido “sim”, o que aprendeu?

---

---

---

6) Você realiza alguma atividade lúdica em suas aulas?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) As vezes

Caso tenha respondido “sim”, quais as atividades que você utiliza?

---

---

---

7) Você percebe que as atividades lúdicas ( brincar, jogar, etc...) auxiliam no desenvolvimento da aquisição da leitura e escrita?

( ) Sim      ( ) Não